



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2023
ISSN 1887-4606
Vol. 17(4) 652-676
www.dissoc.org

Artículo

Notas em negrito: contribuições das epistemes afroperspectivistas contra os ruídos coloniais na produção de saberes no campo dos Estudos Críticos do Discurso.

Notes in bold: contributions of Afroperspectivist epistemes against colonial noises in knowledge production of Critical Discourse Studies.

Litiane Barbosa Macedo.
Universidade Federal de Santa Catarina.

Resumo

Neste artigo, apresentamos algumas reflexões acerca das epistemes negras afroperspectivistas e a relevância de aproximá-las aos estudos críticos discursivos a fim de descolonizar este campo de estudo. Inicialmente, para entendermos o que são epistemes afroperspectivistas, discutiremos sobre os saberes corporificados negros a modo de compreender suas potencialidades para descolonização do conhecimento e como na lógica da ciência moderna tais saberes foram invisibilizados. Posteriormente, discutiremos sobre alguns pontos norteadores da afroperspectiva de Noguera (2015,2019), buscando sua interface com os estudos críticos discursivos. Ainda, descrevemos brevemente exemplos de práticas discursivas de resistência e reexistência como produções de conhecimento por pessoas negras com o intuito de ilustrar a materialização discursiva do conhecimento corporificado. Para finalizar, sinalizamos que agir perante a injustiça cognitiva provocada pela colonialidade é um caminho de suma relevância rumo a uma prática decolonial pois “vai além dos processos que definem as relações de saber, mas que também repensam e ressignificam as estruturas de poder que reduzem, marginalizam e invisibilizam outras práticas e formas de sentir, ver e interpretar o mundo” (Macedo, 2022).

Palavras chave: Afroperspectiva; Estudos Críticos do Discurso; Decolonialidade; Discursos de Resistência e Reexistência.

Abstract

In this article, we present some reflections on black Afroperspectivist epistemes and the relevance of aligning them to critical discursive studies in order to decolonize this field of knowledge. Initially, to understand what Afroperspectivist epistemes are, we discuss black embodied knowledge in order to understand its potential for decolonizing studies and how in the logic of modern science such knowledge has been made invisible. Later, we bring some guiding points of Noguera's afroperspective (2015,2019), seeking its interface with critical discursive studies. Furthermore, we briefly describe examples of discursive practices of resistance and re-existence as productions of knowledge by black people to illustrate the discursive materialization of embodied knowledge. To conclude, we point out that acting in the face of the cognitive injustice caused by coloniality is an extremely relevant path towards a decolonial practice as it “goes beyond the processes that define knowledge relations, but which also rethink and give new meaning to the power structures that reduce, marginalize and make other practices and ways of feeling, seeing and interpreting the world invisible” (Macedo, 2022).

Keywords: Afroperspective; Critical Discourse Studies; Decoloniality; Discourse of Resistance and Re-existence.

Algumas Considerações Iniciais

Este presente texto faz parte de uma longa jornada reflexiva – desde nossas¹ produções acadêmicas, como também de leituras de pesquisas no campo, onde temos percebido a presença de tais ruídos coloniais mencionados no título. Nesta jornada reflexiva, salientamos alguns pontos importantes antes de iniciar as “notas em negrito”: primeiro, as observações aqui apresentadas são direcionadas as pesquisas que buscam compreender a relação entre raça e discurso, assim como outros eixos identitários, partindo de uma perspectiva decolonial – pois é desta perspectiva que ancoramos nossos argumentos. Segundo, procuramos trazer algumas considerações na tentativa de trilhar caminhos rumo à justiça cognitiva de intelectuais que ainda vivem às margens do polo de produção de conhecimento – a academia. Em terceiro lugar, é importante enfatizar que esta jornada reflexiva não se encontra em seu fim. Portanto, não estamos falando de uma proposta teórica e metodológica pronta. Tendo em conta um dos pontos norteadores da afroperspectividade – perspectiva que explicaremos detalhadamente – a circularidade da fala [e do silêncio também] em uma construção coletiva de conhecimento deve ainda agregar muito neste trabalho.

Uma vez estabelecidas tais questões, gostaríamos de iniciar a jornada reflexiva proposta apresentando o símbolo Sankofa, um ideograma pertencente ao conjunto de símbolos chamados Adinkras, provindos do povo Ashanti de uma região da África Ocidental. Brevemente, estes representam valores tradicionais, normas sociais e ideias filosóficas; podemos compreendê-los como um conhecimento ancestral africano que perpassa pela **linguagem**. Quanto ao sentido da palavra Sankofa, seu significado é composto pelos termos *san*, tendo como sentido de “retornar; para retornar”, *ko*, que quer dizer “ir”, e *fa*, que significa “buscar; procurar”. Em suas junções, a tradução desta palavra pode ser “volte e pegue”.² Na composição semiótica representativa da palavra Sankofa, vemos um pássaro mítico que possui a cabeça virada para trás (figura abaixo). Sua posição com os pés firmes e postura representa que pássaros podem voar para qualquer lado; contudo, não se esquecem de olhar para trás, o passado. Adicionalmente, Sankofa vem do provérbio ganês que significa “Se você esquecer, não é tabu voltar atrás e reconstruir”.



Figura 1. Símbolo Sankofa.

Fonte: <https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/>

Nesta construção de significados, observamos saberes provindos de uma região de África que muito nos diz sobre o entendimento de processos de aprendizados, tanto em seu sentido individual – a ação de voltar a aprender o que se esqueceu – a compreensão e aceitação deste movimento pela a comunidade o qual este indivíduo convive, bem como o entendimento de tempo segundo a cosmovisão africana. Compreender o tempo no seu sentido espiralar nos permite a revisitação a ações passadas e, assim, podemos mudar o futuro e até mesmo ressignificar o passado (Martins, 2020).

Abdias Nascimento nos ensinou que “Retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”³ é um movimento muito importante para sobrevivência do povo negro Afrodiaspórico, no Brasil ou em outros territórios marcados pela colonização que lidam com seus resquícios: a colonialidade. No campo do saber, notamos que este movimento é constante por diversas/os intelectuais negras/os, tanto nas ciências humanas, como a doutora filósofa Katiúscia Ribeiro, especializada em filosofia africana, o professor doutor Renato Nogueira, também filósofo e professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, quanto no campo da educação, como a doutora Nilma Nino Gomes - Ex-ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos do Brasil. Nos estudos linguísticos e discursivos, podemos citar as professoras doutoras Kassandra Muniz da Universidade Federal de Ouro Preto, Glenda Cristina Valim de Melo, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o professor Gersiney Pablo Santos, professor da Universidade e Brasília, para citar alguns. Portanto, o exercício intelectual destas/es pesquisadoras/es assume o compromisso em proporcionar espaço de produção, circulação e divulgação de saberes não-hegemônicos sobre africanos, afro-brasileiros e povos originários que, por sua vez, possibilitam novas [na e verdade, desconhecidas] categorias, metodologias e interpretações das nossas práticas sociais.

Olhar para o passado, diante dos conhecimentos dizimados, mas eclodidos pelas frestas da subjetividade negra, suas respectivas epistemologias e modos de entender o mundo diante do sistema-mundo moderno, é possível juntar “os cacos” (Rufino, 2019), reescrever nossas próprias histórias, transgredir as avenidas da matriz de opressão que atingem nossos corpos e projetar/construir realidades outras. De acordo com Fonseca (2022), professor doutor negro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP – Araraquara, afirma que pesquisadoras e pesquisadores negros

[...] estão construindo uma crítica cultural e política à razão euro-ocidental e abrindo um canal epistêmico para a sistematização de uma contra-hegemonia de base negra-indígena, questionadora da ciência brancocêntrica euro-americana-ocidental. Assim, trata-se de uma fortaleza dinâmica que se projeta contra os racismos embasada na ciência, com teorias sustentáveis, evidências e inferências legítimas e análises fidedignas (p. 8).

São dessas premissas que a proposta apresentada se centraliza, buscando uma interface entre afroperspectivas para se pensar e estudar práticas discursivas sob um viés crítico e também construindo formas de transgredir as lógicas colonizadas de fazer ciência social, linguística e discursiva, o que inclui a própria formulação teórica e exploratória de tais práticas. Deste modo, Carvalho e Costa (2020) questionam: “quando os discursos são produzidos, de qual (quais) parte(s) das avenidas identitárias são emitidos? Qual posição é reconhecida para ser audível no campo das produções discursivas acadêmicas?” (p. 62), afirmando que há indivíduos que, de acordo com suas avenidas identitárias, se fazem ecoar de forma mais facilitada do que outros eixos, incluindo as produções discursivas acadêmicas. Adicionalmente, citamos uma das preocupações deste trabalho que está alinhada com as observações do intelectual brasileiro Joaze Bernardino-Costa e dos intelectuais porto-riquenhos Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (2019):

Uma das vantagens do projeto acadêmico-político da decolonialidade reside na sua capacidade de esclarecer e sistematizar o que está em jogo, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e nos ajudando a pensar em estratégias para transformar a realidade. Contudo, um dos riscos envolvidos, sobretudo na tradição acadêmica

brasileira, é de o projeto decolonial se tornar apenas um projeto acadêmico que invisibiliza o lócus de enunciação negro, deixando de lado sua dimensão política, isto é, seu enraizamento nas lutas políticas de resistência e reexistência das populações afrodiáspóricas, indígenas e terceiro-mundistas. (p. 10).

Diante desses argumentos, como podemos minimizar estes riscos? O que podemos fazer para não nos tornarmos pesquisadoras/es discursivos sob uma perspectiva decolonial sem que caiamos nesta armadilha tradicional da produção intelectual acadêmica? Um dos caminhos possíveis é a constante retomada aos princípios constitutivos da decolonialidade e do pensamento afrodiáspórico que nos ensina que a raça é sim um princípio constitutivo do sistema moderno/colonial onde qualquer explanação sobre a realidade social tocada pela colonização necessita ser racializada. No que tange o espectro do saber, a não-racialidade das produções implicam em um conhecimento universal e imparcial defendido por uma ciência objetiva e positivista. Tomamos como exemplo a proposta do professor doutor Gersiney dos Santos, a Aquilombagem Crítica (AC), um trabalho fundamentado nos pensamentos da intelectual negra Beatriz Nascimento (2022), nos Letramentos de Reexistência de Ana Lucia Souza (2009, 2011, 2019) e a Pedagogia de Allan de Rosa (2013). Nesta proposta, aproximamos da linguagem como um recurso que possibilita novos percursos ontológicos, uma vez que, em diálogo com as teorias que veem a linguagem como modo de ação no mundo, é possível fazer “um trabalho voltado para vozes não acostumadas a ecoar”, pois por meio da linguagem “as opressões podem ser enfocadas, analisadas e expostas por estarem presas à estrutura da língua, por exemplo — que a reexistência pode sim acontecer” (Santos; Santos, 2022, p. 10). Afirmamos que, para além da denúncia das opressões, este trabalho também possibilita ecoar modos e visões de mundo potencialmente transformadoras, e a resistência e reexistência⁴ podem ser um ponto de partida e não apenas um movimento de contraponto.

Uma vez expondo as considerações iniciais, seguiremos com a organização deste artigo: para tratarmos das contribuições de epistemes afroperspectivistas para os estudos discursivos críticos, primeiramente, discutiremos sobre os saberes negros corporificados, relevância e potencialidades para contracolonização do conhecimento. Posteriormente, seguiremos com a seção que apresenta a interface de alguns princípios norteadores da afroperspectiva (Nogueira, 2015, 2019) aos estudos críticos

discursivos. Em seguida, traremos algumas questões sobre saberes corporificados e práticas discursivas ao aproximarmos com discursos de resistência e reexistência. Na última seção, apontaremos “algumas considerações (re)iniciais” – título que representa o movimento que estamos fazendo – pois acreditamos que nossa proposta não está em seu estágio conclusivo.

Saberes corporificados negros, relevância e potencialidades para descolonização do conhecimento

Outro aspecto relevante ao discutirmos sobre o conhecimento afrodiaspórico, é entendermos que estamos falando de epistemes que se manifestam de formas distintas do conhecimento hegemônico consolidado e que, por práticas de exclusão seculares, tem sido recusado como conhecimento válido em espaços formais de saber. Para tal, faremos aqui uma conversa entre as intelectuais negras bell hooks, Lêda Martins e Grada Kilomba que tratam do corpo como espaço de manifestação do conhecimento negro.

A intelectual negra estadunidense bell hooks, em seu artigo *Intelectuais Negras* (1995), lança importantes conceitos que fomentam o feminismo negro, como a problematização da tradicional produção de conhecimento sem localização geopolítica e desincorporado em contextos educacionais. Para ela, é preciso desconstruir conceitos estereotipados que não validam os saberes produzidos por mulheres negras como propriamente científicos – conhecimentos que partem das experiências vividas destas mulheres no sistema-mundo da colonialidade. Além disso, o legado incomparável de bell hooks para a ciência nos ensina que, apesar de compreender que a dinâmica de produção de conhecimento necessita de isolamento para escrita e a reflexão, bell hooks nos diz que a circularidade da fala em espaços como a sala de aula, palestras e comunidades negras promovem saberes de alta qualidade. Neste sentido, bell hooks revela a importância da afirmação corpo-política do conhecimento, contrapondo a capacidade de desenvolver saberes racionais que não se intitulam corporificados, sem criar um binarismo no seu conceito, mas tendo em vista que o conhecimento é geopoliticamente localizado e corporificado. Seu legado, além de nos deixar diversos ensinamentos de uma mulher negra e suas experiências corpo-sensoriais para entender as dinâmicas de uma realidade social racializada, aprendemos também outras premissas como acessibilidade e modo de expressar a ciência com uma linguagem que acolhe, no seu sentido de aplicar a ideia de comunidade em espaços de

conhecimento, propondo modos outros de responder ao sistema mundo moderno/colonial, ou seja, ações antirracistas, antissexistas e contracapitalistas.

Nestes termos, podemos fazer um diálogo entre a dimensão corpo-política de bell hooks com o trabalho de Leda Maria Martins - uma poeta negra, ensaísta, dramaturga e professora doutora em letras/literatura comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil. As proposições teóricas de Leda Martins contêm repertórios provindos de epistemologias e cosmovisões de saberes africanos reformulados nas Américas que reportam as relações entre o corpo, tempo, performance, memória e produção de saberes. Martins (2021) nos convida a pensarmos sobre a produção do conhecimento em movimento herdado de comunidades africanas, onde se fabricam entendimentos não-ocidentais sobre o tempo e sua lógica de continuidade que difere do achatamento e compartimento da experiência no tempo linear – tempo este concebido pela visão eurocêntrica. A lógica do movimento cíclico, análoga ao ciclo da natureza, implica que somos seres ritualísticos e isso impacta de modos distintos como se dão as relações entre as pessoas e as coisas. Com relação ao corpo na produção do conhecimento em movimento, Martins (2021) nos ajuda a compreender como se dá o saber corporificado. De acordo com esta intelectual,

Se considerarmos que os africanos, em sua maioria, vinham de sociedades que não tinham a letras manuscrita ou impressa como meio primordial e inscrição e disseminação de seus múltiplos saberes, podemos afirmar que toda uma plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por outras vias que não as configuradas pela escritura, dentre elas as inscrições oral e corporal, graias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que o corpo e na voz se repete é também uma episteme (p. 23).

Ainda, a intelectual afirma que os modos escritos e orais sempre estiveram presentes nos registros de sentido em comunidades africanas, por exemplo, mesmo as mais antigas, como a egípcia. Contudo, foi por meio das transmissões predominantemente orais que os valores culturais mais se propagaram em África. O evento-corpo e evento-palavra, conforme denomina Martins (2021), é um espaço de manifestação onde há gravações de memórias e produtores de significados – processo este que fez com que o conhecimento negro sobrevivesse das mazelas da colonialidade e as tentativas de seu apagamento, seja pela reinvenção, omissão, ou transformação, o que cunhou a formação

híbrida das culturas da diáspora negra ao redor do mundo. O embate que temos em sociedade ocidentais é que este tipo de produção e modo de preservação de saberes é excluído devida a falsa dicotomia entre a oralidade e a escrita, “[...] que prioriza a linguagem discursiva escrita como modo exclusivo e privilegiado de postulado expansão do conhecimento” (Martins, 2021, p. 32).

Se Leda Martins nos diz sobre a relação do corpo e episteme negra, Grada Kilomba aponta, assim como bell hooks, como este conhecimento é desqualificado. Conforme afirma a autora, os conceitos de conhecimento, erudição e ciência são ancorados em relações assimétricas de poder que são racializadas; estes conceitos, portanto, não são construções de sentidos imparciais. Isto porque os discursos teóricos tem sistematicamente construído o povo negro como “o outro” dentro de uma hierarquização na qual os coloca em uma posição inferior e subalterna. Adicionalmente, Kilomba (2019) relata que por conta da estrutura social racista em que vivemos, as vozes negras intelectuais tem sido desqualificadas; no entanto, tal fato não aponta que não há resistência ou falta de produção dessas vozes. A intelectual ainda aponta que, neste sistema onde existe uma constante não-validação do conhecimento produzido por pessoas negras, há uma racionalidade binária que proporciona uma hierarquização do conhecimento, formada pela ordem colonial das produções de saberes, onde práticas discursivas de silenciamento implicam “quem pode falar”:

Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico.
universal / específico; objetivo / subjetivo; neutro / pessoal; racional / emocional; imparcial / parcial; elas/eles têm fatos / nós temos opiniões; elas/eles têm conhecimento / nós temos experiências. (p.52)

Neste sentido, é de urgência que possamos caminhar rumo a uma perspectiva de produção de conhecimento horizontal, pluralizada, afrodiaspórica e ameríndia.

Uma interface entre os princípios norteadores das afroperspectivas aos estudos críticos discursivos

Partindo do entendimento do que são saberes corporificados negros, trataremos, nesta seção, o que significa afroperspectiva, buscando apontar suas contribuições no fazer pesquisas sob o viés crítico discursivo. Primeiramente, é

importante apontar o lócus de enunciação do termo antes de sua definição: o termo “afroperspectiva” ou “afroperspectivismo” provém do trabalho do intelectual Renato Nogueira, doutor em filosofia, professor na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e coordenador do Grupo de Pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias (AFROSIN). Nogueira (2015, 2019) desenvolveu o conceito de afroperspectividade no campo de estudos da filosofia com o intuito de problematizar a quão colonizada é este campo do saber. De acordo com o autor, partindo de uma perspectiva pluralista, esta abordagem é ancorada por epistemes africanas, afrodiaspóricas, indígenas e ameríndias. Adicionalmente, Souza (2022) estabelece a seguinte definição:

[...]denominamos afroperspectiva, um método traçado e enraizado a partir de dentro, na e pela experiência da África e sua descendência no mundo, na América Latina, especificamente o Brasil. Mas não apenas: pensar na afroperspectiva leva-nos a querer ampliar o debate e considerar outras produções e perspectivas que, além de problematizar a universalidade e a hegemonia eurocêntricas, trazem formulações teóricas de suas matrizes culturais indígenas, asiáticas e europeias para compreender o mundo: para pensar e reconhecer os lugares que ocupam e que lhe foram atribuídos como construções sociais (Souza, 2022, p.109).

A afroperspectiva, portanto, nos leva a fazer o exercício de (re)formulação teórica e metodológica que reconheça a existência de modos outros de entendimento e explanação de fenômenos sociais. Apesar de ter sido pensada em um escopo de produção de conhecimento específico – a filosofia – a afroperspectiva pode ser abordada em diversas áreas de conhecimento, conforme o próprio pensador Renato Nogueira afirma. Portanto, a nossa proposta aqui é enfatizada: pensar na afroperspectiva em interface aos estudos discursivos.

Quanto aos elementos norteadores da afroperspectiva, Nogueira (2019) ressalta uma das suas características relevantes: a busca por modos de explanação outros a favor da transgressão de saberes hegemônicos hierarquizantes:

Uma incursão afroperspectivista [sobre a história da filosofia] se caracteriza mais por explorar perspectivas pouco exploradas do que pela denúncia. Sem dúvidas a denúncia do racismo epistêmico é importante. Mas, em termos afroperspectivistas, estamos ainda mais preocupados

com o caráter proativo que pode ajudar a enriquecer pesquisas e estudos em qualquer área do conhecimento. Ainda que seja necessário criticar, descrever e rechaçar as implicações da injustiça epistemológica que atinge as produções filosóficas africanas, o aspecto mais edificante está justamente nas alternativas e perspectivas quase desconhecidas que podem sugerir argumentos, pontos de vista, ideias e conceitos em favor a caminhos inusitados [...] (p. 69).

Em relação aos estudos críticos discursivos, podemos notar inúmeras pesquisas nas últimas décadas que buscam denunciar o abuso das relações assimétricas de poder racializadas, sobretudo nas perspectivas textualmente orientadas onde vemos um alto engajamento multidisciplinar para explanação das complexas práticas discursivas e seus efeitos sociais. Neste sentido, existem buscas por explanações de tais efeitos nas disciplinas das ciências sociais— o que é permitido e desejável nas metodologias críticas discursivas. No entanto, ao falarmos sobre os aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos das pesquisas, podemos observar que tais aspectos ainda são fortemente importados e utilizados de modo que não haja uma problematização (ou pouca problematização). Assim como explanado por Nogueira (2019) no trecho mencionado anteriormente, afirmamos que a criticidade no campo crítico discursivo de denunciar as práticas assimétricas de poder sob o viés do discurso são relevantes; contudo é importante ampliar esta criticidade no sentido de que a busca por “justiça social” também se torne uma “justiça cognitiva” ao descolonizar também a produção de conhecimento sobre o discurso. Este aspecto, ao nosso ver, condiz muito com a proposta da Análise de Discurso Crítica Latino-Americana (ADC-LA) e o Projeto Decolonial, por exemplo. Portanto, a racialização e sus interseccionalidades não deve ser apenas na explanatória crítica, mas também deve se incluir esta discussão a nível teórico-metodológico nos estudos críticos discursivos.

Neste momento, apontamos algumas das características da afroperspectividade descritas por Noguera (2015) no campo de saber filosófico que transportamos como possibilidades implicativas no campo dos estudos críticos do discurso. Devido ao limite de extensão deste artigo, apontaremos apenas quatro considerações, sendo elas:

- (1) A filosofia afroperspectivista define o pensamento como movimento de ideias corporificadas, porque só é possível pensar através do corpo. Este, por sua vez, usa drible e coreografias como elementos que produzem conceitos e argumentos (Noguera, 2015, p. 44).

Este primeiro ponto trata das “ideias corporificadas” que podem atravessar a produção de conhecimento dos estudos do discurso nas seguintes formas: 1) se os saberes negros também são produzidos pelo corpo, no âmbito discursivo analítico, o corpo deve ser considerado um dos elementos da prática social; 2) se o corpo constitui como um dos elementos de uma dada prática social e este produz conhecimento, deve se levar em consideração que este não apenas “oferece” informações de um evento social como algo observável (no sentido de “objeto de estudo” pautado na ciência positivista), mas nesse evento também se produz conceitos e teorias que podem fazer parte de um arcabouço teórico e metodológico, seja a nível social e/ou discursivo; 3) leva-se em conta a presença corpórea de quem está conduzindo a pesquisa a fim de desconstruir a ideia de um conhecimento neutro e objetivo.

No que tange o corpo com um dos elementos da prática social, conforme apontado nos trabalhos de Gomes (2020) e Carvalho (prelo); entendemos que o corpo, como uma das categorias do momento da prática social, está em intersecção por eixos identitários, o que implica que, para ser adequadamente analisado, é importante observar a posicionalidade em que ele ocupa em uma dada prática particular. Tal entendimento está alinhado com uma ontologia interseccional, provinda de pensadoras negras como bell hooks, Patricia Hill Collins e Carla Akotirene. Além disso, conforme descreve a doutoranda branca Alexandra Bittencourt de Carvalho em sua tese em andamento,

a inserção desse momento, para nós, dá conta de explicar como a negociação da diferença acontece, como relações sociais hierárquicas ou contra-hegemônicas se articulam, como atividades mentais são ativadas e construídas, como as atividades materiais podem contribuir para a inclusão, exclusão, produção das diferenças, e como isso ocorre discursivamente. O corpo é, portanto, um dos pontos cruciais que podem ajudar a melhor explicar tanto o processo de internalização dos momentos da prática como sua (re-des)articulação, fazendo com que se análise como a negociação da diferença acontece em uma prática particular, ou seja, como são negociadas as diferenças em (redes de) práticas sociais específicas sobre as quais debruçamos nossa análise (prelo, p. 82).

O segundo ponto que aborda a produção de saberes corpóreos, os quais podem fazer parte de um arcabouço teórico e metodológico tanto a nível social quanto discursivo, está atrelado a discussão proposta na segunda seção deste artigo: a conversa entre bell hooks, Lêda Martins e Grada Kilomba sobre saberes negros

corporificados. Perante aos discursos de resistência e reexistência, no sentido dos termos conforme apontado por Souza (2009), não estamos diante de apenas práticas discursivas que transgridem ordens sociais dominantes, mas ali existem maneiras distintas de entender o mundo também fidedignas, partindo de ontologias e epistemologias afrodiáspóricas e ameríndias. Isto porque esses corpos presentes no texto são sujeitos epistêmicos e atuantes que representam um corpo coletivo – “vóz-praxis” (Danner et al, 2020), conforme veremos com mais propriedade na próxima seção.

Seguindo para o terceiro ponto, este entra em diálogo com o que a intelectual negra Carla Akotirene, mencionada anteriormente, propõe como “sensibilidade analítica”, assim como a noção de “intuição cultural”, proposta pela *chicana* Delgado Bernal (1998). Akotirene (2019) argumenta que o ponto que a interseccionalidade oferta como suporte teórico-metodológico “impede reducionismos da política de identidade [e que] elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequências e tipos de discriminações interseccionais” (p. 59). Já a noção proposta por Bernal (1998) trata mais especificamente da posição de pesquisadoras/es como produtores de conhecimento não-colonizado: é um processo complexo onde perpassa questões experienciais, intuitivas, históricas, pessoais e coletivas do contexto de pesquisa onde a/o pesquisador/a perpassa, expandindo sua consciência sobre suas experiências pessoais (o que a autora indica que poder ser nutrida pela sabedoria ancestral, memória comunitária e pela intuição), pelas experiências profissionais e pelo processo analítico de nossa posicionalidades diante da nossa pesquisa.

A próxima característica da afroperspectiva apontada por Noguera (2015) refere-se ao protagonismo negro na construção do saber, conforme vemos a seguir:

- (2) os conceitos afroperspectivistas são construídos a partir de movimentos de coreografia de personagens conceituais melanodérmicos. Neste sentido, os conceitos são escritos com os pés, com as mãos e com cabeça ao mesmo tempo” (p. 82).

Este ponto está relacionado com a preocupação apontada pelos pesquisadores Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel (2019) sobre os riscos do deslocamento do projeto decolonial da luta política das populações negras e o lócus de enunciação negro. Neste sentido, Noguera (2015) nos alerta para importância de **colocar pensadores negros na rota do pensamento**. Com relação a produção de saberes discursivos, a transdisciplinaridade pode ser um

caminho que deva ser enfatizado para que haja contribuições de pensadoras/es negras/os no campo de estudos discursivos para além da explanação social. No entanto, para que haja tal feito, é preciso lançar mão de conceitos e entendimento sobre práticas discursivas que não provem diretamente das escolas tradicionalmente críticas do discurso, como, por exemplo, fazer diálogo com a relação entre linguagem e raça discutida por Fanon (2020), onde podemos perceber elementos importantes sobre a concepção de linguagem e discurso. Aqui também cabe a discussão sobre o entendimento de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, termos que surgem para suprir a lógica de um conhecimento compartimentado, lógica esta que difere de saberes pluristêmicos, característicos dos pensamentos afrodiaspóricos e ameríndios.

Ainda, colocar pensadores negros na rota do pensamento crítico discursivo se relaciona com outro ponto característico da afroperspectividade:

- (3) A filosofia afroperspectivista é policêntrica, percebe, identifica e defende a existência de várias centralidades e de muitas perspectivas (Nogueira, 2015, p.82).

O apontamento acima nos remete ao *suleamento*⁵ epistêmico, conforme tem sido extensivamente mencionado neste artigo que, por sua vez não significa refutar saberes uma vez postos a mesa, muito menos substituir uma centralidade em detrimento de uma outra possível centralidade. Conforme mencionado por Nogueira (2019), a afroperspectiva é ancorada na afrocentricidade do cientista negro e filósofo estadunidense Molefi Asante, que se refere a “uma teoria e um método que surge como resistência antirracista, procurando recolocar os povos negros dentro de seus contextos históricos e culturais depois de um deslocamento provocado pelo racismo antinegro” (Nogueira, 2019, p. 48). O conceito de afrocentricidade não é uma versão negra do eurocentrismo, pois não há uma valorização etnocêntrica pautada na inferiorização das perspectivas de outro grupo. Em contramão, afroperspectividade propõe uma produção de conhecimento horizontalizado e plural. Outro ponto relevante é pensar que, segundo Nogueira (2015), a afroperspectiva “não toma o prefixo “afro” somente como uma qualidade continental; estamos diante de um quesito existencial, político, estético e que nada tem de essencialista ou metafísico” (p. 45).

A última característica apresentada da afroperspectividade está relacionada a construção coletiva do exercício do pensamento filosófico atrelado ao contexto de manifestação de argumentos:

- (4) Afroperspectividade define competição como cooperação, isto é, competir [significa *petere* (esforçar-se, buscar) *cum* (juntos)], localizar alternativas que são as melhores

num dado contexto, mas, não são únicas, tampouco permanentes e devem atender toda a comunidade.

A possível interface entre este princípio com os estudos críticos discursivos é pensar na importância das redes, um senso de construção de conhecimento coletivo, o que se opõe a um individualismo e processo solitário que observamos nas práticas acadêmicas de produção de saberes. O senso de coletividade pode nos remeter ao cuidado e não-adoecimento das demandas provindas da academia, como também possibilita romper o muro que separa vozes científicas e os demais espaços de saber. Ainda, aqui enfatizamos sobre a relevância social dos nossos trabalhos acadêmicos. Tomamos como exemplo de ação a proposta de Redes Pragmáticas (RP) de Santos (2017, 2022): o que ancora a noção de redes é a conexão entre pares e o diálogo a fim da construção de grupos onde há possibilidade de mobilização e, por conseguinte, a mudança. Neste sentido, as redes pragmáticas podem ser entendidas como ações coletivas por meios sistematizados para alcançar mudanças a um grupo social oprimido. Tendo uma perspectiva crítica, Santos (2017) afirma que as ações partem de um posicionamento coletivo que contrapõe a “ordem embotadora, naturalizada (e naturalizante) diluída no discurso da pós-modernidade” (p.37).

Os princípios norteadores das afroperspectivas aqui citados são apenas alguns dos princípios presentes no trabalho de Nogueira (2015), sendo estes mencionados para exemplo do exercício reflexivo rumo à maneiras de desestabilizar produções hegemônicas de conhecimento que invisibilizam outras práticas e formas de compreender o mundo. Devido ao limite de espaço neste artigo, os demais princípios não foram explorados; neste sentido, apontamos que o exercício reflexivo de interseccionalidade entre afroperspectivas e estudos críticos discursivos não está esgotado.

Na seção a seguir, descrevemos brevemente exemplos de práticas discursivas de resistência e reexistência como produções de conhecimento por pessoas negras com o intuito de ilustrar a materialização discursiva do conhecimento corporificado, tendo em conta um dos nossos argumentos centrais, a ver: *se o corpo constitui como um dos elementos de uma dada prática social e este produz conhecimento, deve se levar em consideração que este não apenas “oferece” informações de um evento social como algo observável (no sentido de “objeto de estudo” pautado na ciência positivista), mas neste evento também se produz conceitos e teorias que podem fazer parte de um arcabouço teórico e metodológico, seja a nível social e/ou discursivo.*

Práticas discursivas de resistência e reexistência como produções de conhecimento

Primeiramente, é importante apontar que a parte analítica textualmente orientada descrita nesta seção se encontra em desenvolvimento. Em segundo lugar, enfatizamos que, para fazermos uma interface metodológica com a afroperspectiva – todavia, há um longo caminho de reformulação e é necessário um amplo mapeamento linguístico e discursivo para fazermos releituras dos efeitos de sentido das categorias analíticas já existentes e utilizadas em análises textualmente orientadas, como uso da gramática sistêmica funcional do linguista branco australiano Halliday, por exemplo, e buscarmos compreender os efeitos contra ideológicos ao invés dos ideológicos.

Tomamos, então, como exemplo os discursos de resistência e reexistência (Souza, 2009, 2011, 2019; Santos 2017, 2022) que exprimem saberes, sendo estes parte de uma materialização do conhecimento corporificado nas práticas discursivas contemporâneas. Citamos os seguintes grupos de estudos e alguns de seus trabalhos vinculados que nos já dão pistas de recorrências comuns nos discursos de resistência e reexistência (tais pistas são observadas em nosso mapeamento inicial): NuGaL – Núcleo de Estudos de Gênero através da Linguagem, UFSC/Brasil, Coordenadora: Profa. Dra. Débora de Carvalho Figueiredo; AFECTO – Abordagens Faircloughianas para Estudos sobre o Corpo-discurso Textualmente Orientados, UnB/Brasil, Coordenadora: Profa. Dra. Maria Carmen Aires Gomes. Destes grupos, citamos os seguintes trabalhos:

- (5) **Macedo, L. B. (2018).** *Estudos de gênero em contextos africanos: uma análise crítica do discurso das narrativas de gênero de investigadoras cabo-verdianas.* Tese (Doutorado) - Curso de Pós- Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários, Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- (6) **Uessler, L. H. (2021).** *Deus por que eu sou assim? Por que meu cabelo é assim?: uma análise de transitividade das narrativas de mulheres negras brasileiras e afro-americanas em blogs sobre cabelos.* Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários, Florianópolis.
- (7) **Carvalho, A. B. (2018).** *Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas.*
- (8) **Ribeiro, S. D. S.; Gomes, M. C. A (2020).** *Práticas sociodiscursivas de resistência motivadas pela iterabilidade de violências: análise discursivo-crítica dos relatos de homens trans estudantes.* Trabalhos em linguística aplicada, Campinas.

- (9) **Silva, E. C. M.** (2023). *Gorda, Preta e Periférica: uma análise discursivo-crítica do ativismo de Ellen Valias no Instagram*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Viçosa.

Os discursos de resistência e reexistência analisados nos trabalhos citados acima provém de textos que circulam predominantemente em espaços educacionais, como a universidade a escola, bem como também lugares não-formais de produção de conhecimento, como as redes sociais e blogs. Estes últimos meios, particularmente, é o espaço que circulam os textos de nossas análises. Em sintonia com os trabalhos citados, podemos observar algumas características linguísticas que tais textos compartilham: o primeiro ponto é o alto engajamento das/dos falantes devido ao uso frequente de modalidades epistêmicas. Este tipo de modalidade está atrelado ao conhecimento da/do falante, uma vez que está relacionado ao eixo do saber, onde a/o enunciadora/enunciador exprime seu grau de certeza diante uma proposição. Ainda, há uma grande presença de modalização no polo negativo: recorrências seguidas do léxico “não”. Notamos, então, este elemento (assim como algumas outras construções presentes nos textos) indica uma produção de conhecimento através de implicaturas: há literalidades do que “é ou não é em diversas” passagens; contudo, há implicações que sugerem que o texto está contrapondo ideias que inferimos ser provindos de discursos hegemônicos. As passagens que utilizaremos como exemplos nesta seção são dos textos de uma autora cujo codinome é Okum Omobirin. Seus textos são publicados no site Blogueiras Negras que falam sobre o racismo acadêmico.

- (10) Ainda, podemos observar o quanto que nossas reflexões intelectuais são relegadas ao plano da “ informalidade”, pois na impossibilidade de exercemos nossa liberdade epistemológica na academia, exercemos-na em outros espaços que não são reconhecidos até mesmo quando há registros em vídeos. Nesse sentido, observamos a intelectualidade negra se desenvolver no plano da oralidade do que na escrita, o que é algo positivo, contudo, nós vivemos em uma cultura que respeita demais o escrito, então, ao nos impossibilitar de existir, cognitivamente, no plano da escrita, a branquitude continua vencendo em termos de narrativas e controle discursivo.

Nas passagens onde vemos um alto grau de certeza nos enunciados, constatamos que as ações vinculadas, em sua maioria, são processos que relacionam pessoas e instituições aos seus atributos, identificações e

posses. As ocorrências mais frequentes são no âmbito de “ser” e “ter” que, por sua vez, representam as experiências dos corpos negros em espaço que negam seus corpos e seus saberes. Deste modo, a locutora define o que são e como são as pessoas e instituições diante de sua experiência no mundo:

(11) Diante disso, comecei a refletir sobre o espaço acadêmico e o quanto essa política atua nele, não como um acordo de convivência social, mas como um mecanismo de subordinação das produções de pesquisadores(as) negros(as), dado que essa política para os brancos é sim uma política de convivência em que todos estão no mesmo barco privilegiado, só que, para as pessoas negras, ela é uma política danosa para o desenvolvimento pleno da nossa intelectualidade e, por conseguinte, da nossa produção intelectual nesses espaços.

Outro aspecto que notamos fortemente presente nos textos analisados é o alto grau taxonômico, isto é, o uso constante de termos específicos de uma determinada área de conhecimento. Neste caso, percebemos que estes termos provém das ciências sociais e humanas. Notamos também o uso de neologismos - termos provindos da cosmovisão negra – que conceituam modos de compreender os eventos e fenômenos sociais:

(12) Não se esqueçam que nossa voz é a oferenda no nosso corpo-encruzilhada. Não se calem, escrevam e falem.

A última característica que gostaríamos de destacar sobre os discursos analisados é ocorrência de intertextualidade – presença de estilo acadêmico para citações – e a polifonia na construção dos referidos textos. Notamos, por exemplo, a presença do modelo de citações característicos de textos acadêmicos, onde possibilita legitimar os dados argumentos que, por sua, vez, ecoam vozes de intelectuais negras/os:

(11) Como já apontou Patrícia Hill Collins e Alice Walker, a posição outsider que ocupamos no espaço acadêmico possui uma potência magnânima, contudo, é uma posição também de dor.

Ainda, notamos que tais discursos refletem o que podemos chamar de saberes pluralizados, característicos dos saberes afrodiaspóricos e ameríndio, onde é possível conceber uma abertura para vozes diversas.

Para finalizar, os aspectos linguísticos e discursivos aqui ilustrados nos remete ao que podemos chamar de “vóz-praxis” (Danner et al, 2020), conforme mencionamos anteriormente. O corpo presente no texto representa um corpo coletivo pois temos um sujeito epistêmico e atuante (sujeito militante). No texto, “Decolonialidade, lugar de fala e vóz-praxis estético-literária: reflexões desde a literatura indígena brasileira”, Danner et al (2020) argumentam que, tendo em conta a sua condição de colonizado, o sujeito marginalizado produz um conhecimento que é organicamente vinculado a lutas políticas (formas de ativismo) onde engloba a noção de “eu-nós” em suas práticas discursivas. Ainda, “ele é a própria teoria e a própria práxis em ação, vivas, pungentes, testemunhas da marginalização e da violência, porque a viveu na alma e no corpo, na pele e na mente” (p.62). Portanto, conforme apontado pelos autores, a vóz-praxis e seu sujeito epistêmico-militante tem em sua potencialidade a descolonização das mentes através da plurização dos modos de existir e compreender o mundo e das “das histórias, das experiências, das práticas e dos valores deslegitimados pela colonização” (p. 62).

Algumas considerações (re)iniciais

Diante de todos os aspectos aqui apresentados, finalizamos este texto com algumas considerações (re)iniciais, deixamos, em primeiro lugar, algumas perguntas para ecoar, providas de José Jorge de Carvalho – branco, professor da Universidade de Brasília, doutor em antropologia – em seu trabalho “Encontro de Saberes” e descolonização:

como podemos colocar em um mesmo espaço saberes diversos, epistemologicamente antagônicos, levando em conta que um deles se organizou retirando os demais? Como fazer com que o paradigma hegemônico dialogue com outros saberes que ele próprio excluiu? (Carvalho, 2019, p. 97).

Estas perguntas devem constantemente ecoar nas mentes daqueles buscam engajar-se em tentativas de transgressão de práticas que perpetuam a colonialidade, levando em conta que não há uma resposta pronta e fácil. Nós mesmos não temos uma fórmula a pronto uso para tal. No entanto, tomaremos brevemente dois conceitos importantes proferidos

pelo brilhante mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos – Nego Bispo – para termos alguns encaminhamentos: os conceitos de Confluências e a guerra das denominações.

Bispo (2023) explica que confluência é a força que remete ao compartilhamento, ao reconhecimento, assim como também ao respeito; ponto que partem de sua reflexão perante a confluência de um rio. Esse intelectual afirma “um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (p.15). Deste modo, podemos trazer este entendimento ao que queremos tratar quando falamos em conhecimento pluralizado, pois Bispo trata sobre a possibilidade de convivência das diferenças, a não hierarquização entre as coisas, as pessoas e seus saberes e também sobre o senso de comunidade. Já para práticas que buscam eclodir o sistema colonial/moderno, Bispo (2023) nos traz as “guerras das denominações”, o que, em suas palavras, conceitua como “o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (p.14). Como um modo de enfrentar o colonialidade, ele argumenta que é preciso dominar as armas do inimigo para defesa e, portanto, é pelas palavras - a denominações (conceitos) – que esse pensador busca tensionar praticas hegemonias, trazendo saberes ancestrais da oralidade para a escrita:

[...] Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que e estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia, Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar pra ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento (p.14).

Percebemos que a guerra de denominações remete a potencialidade transformadora e material resultante de práticas discursivas. Portanto, Nego Bispo também vê a possibilidade de transformação pelos sujeitos subalternos (também) através do discurso, engajando, então, em ações transgressoras.

Por fim, buscamos trazer neste artigo contribuições para uma descolonização do campo discursivo crítico partindo de alguns apontamentos alinhados aos movimentos de intelectuais negros – e de

Sankofa: estamos retornando a nossa própria história, aos nossos saberes, em busca de reescrever formas outras de entender e descrever fenômenos discursivos e sociais sob uma lente da afroperspectiva. Ressaltamos que este movimento, em seu estágio em desenvolvimento, necessita de uma construção coletiva e colaborativa onde temos muito que “arregaçar as mangas”. Dentre algumas necessidades, destacamos a importância de (1) fazer um mapeamento (não) linguístico e ressignificação de categorias analíticas pautadas em epistemes negras, (2) mapeamento de epistemes negras com relação a linguagem e discursos provindos de países africanos e também da afrodíaspóra, principalmente a brasileira. Estes apontamentos, em conjunto aos outros desafios lançados nas perguntas de Carvalho (2019) no início desta seção, incluindo o desafio em captar o conhecimento corporificado não que perpassa pelas manifestações linguísticas, deve ser considerado um projeto amplo decolonial no campo dos estudos críticos discursivos. Para finalizar, sinalizamos que agir perante a injustiça cognitiva provocada pela colonialidade é um caminho de suma relevância rumo a uma prática decolonial pois “vai além dos processos que definem as relações de saber, mas que também repensam e ressignificam as estruturas de poder que reduzem, marginalizam e invisibilizam outras práticas e formas de sentir, ver e interpretar o mundo” (Macedo, 2022).

Notas

¹ Neste artigo, farei uso da primeira pessoa do plural, não no sentido a não-personalização objetificada presente em textos acadêmicos, mas sim no entendimento de uma *vóz-praxis*, “eu-nós” que fala através dos que vieram antes (ancestralidade) e de quem está por vir (futuridade), conforme visto nas práticas de escrita de muitos autores negros, como o professor Renato Nogueira – pensador negro cujo trabalho aprofundaremos posteriormente.

² Sobre os significados da palavra Sankofa, fizemos uma busca em diversas páginas da web e comparamos as traduções. Dentre as páginas pesquisadas, citamos as seguintes: <https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/>; <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>; <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/acoes-e-programas/Sankofa.pdf>.

³ Fonte: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>.

⁴ É importante enfatizar que nosso entendimento dos termos “resistência” e “reexistência” alinhado às práticas discursivas é baseado nas definições presentes nos Letramentos de Reexistência da lingüista negra Ana Lucia Silva Souza (2009, 2011; 2016), cujo trabalho discute como práticas cotidianas de uso da linguagem por ativistas de *hip-hip*, dentro de sua complexidade, não apenas resistem aos modelos de letramentos hegemônico, mas também ressignificam e criam formas outras de ser, agir, ensinar e se letrar no mundo, sendo práticas

estas que a pesquisadora enfatiza como reexistência. Os letramentos de reexistência, segundo Souza (2009), “contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados em que as práticas validadas sociais de uso da língua são apenas as ensinadas e aprendidas na escola formal” (p.32).

⁴ A ideia de *suleamento* epistêmico aqui trazida é ancorada na ideia do educador e filósofo branco brasileiro Paulo Freire, onde em seu livro “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido” o verbo *sulear* é mencionado (termo criado por Marcio D’Oliveira). *Sulear*, no sentido freireano, trata-se de refletir criticamente sobre as teorias importadas e impostas pelo norte global que tendem a ser utilizadas sem pensar nas especificidades do contexto de “aplicação”, instigando, então, a criação de metodologias e conceitos, assim como o compartilhamento de saberes de pares do sul global.

Referências

- Akotirene, C. (2019).** *Interseccionalidade* (Ser. Feminismos Plurais). Sueli Carneiro; Pólen.
- Bernal, D. D. (1998).** Using a Chicana feminist epistemology in educational research. *Harvard Educational Review*, 68(4), 555–583. <https://doi.org/10.17763/haer.68.4.5wv1034973g22q48>
- Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. (2019).** Introdução: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. In Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico* (Ser. Coleção Cultura Negra e identidades, pp. 79–106). Autêntica.
- Carvalho, A. B. (prelo).** *O discurso na encruzilhada: propondo a análise de discurso crítica interseccional* (dissertation).
- Carvalho, A. B., & Costa, J. C. (2020).** Interseccionando a análise de discurso crítica: a encruzilhada nos estudos discursivos e de gênero social. In M. C. G. Aires, V. C. Vieira, & A. B. Carvalho (Eds.), *Práticas sociais, discurso, gênero social: explanações críticas sobre a vida social*. (pp. 55–76). Appris.
- Carvalho, A. B. (2018).** *Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas* (thesis). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- Carvalho, J. J. (2019).** Encontro de Saberes e descolização: para uma refundação étnica, racial, e epistêmica das universidades brasileiras. In Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R.

- Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico* (Ser. Coleção Cultura Negra e identidades, pp. 79–106). Autêntica.
- Danner, L. F., Dorrico, J., & Danner, F. (2020).** Decolonialidade, Lugar de Fala e Voz-práxis Estético-Literária: Reflexões desde a Literatura Indígena Brasileira. *Alea: Estudos Neolatinos*, 22(1), 59–74. <https://doi.org/10.1590/1517-106x/20202215974>
- Fanon, F. (2020).** *Pele Negra Máscaras Brancas*. Ubu.
- Fonseca, D. J. (2022).** O ocidente mente: uma mente por detrás do ocidente - a ciência. In Fonseca, D. J. *As mentiras do Ocidente* (pp. 30–62). essay, Selo Negro.
- Gomes, M. C. A. (2020).** Propondo uma abordagem de Análise de Discurso Crítica Generificada. . In Gomes, M. C. A., Vieira, V. c, & Carvalho, A. B. *Práticas sociais, discurso, gênero social: explicações sobre a vida social* (pp. 77–100). essay, Appris Editora.
- hooks, bell. (1995).** Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, 3(1), 464–478.
- Kilomba, G. (2019).** *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo cotidiano* (J. Oliveira, Trans.; 1st ed.). Cogobó.
- Macedo, L. B. (2022).** Enegrecendo os Estudos Críticos Discursivos: Contribuições Epistemológicas Afroperspectivistas para o campo da análise crítica do Discurso no Brasil. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 61(1), 251–264. <https://doi.org/10.1590/010318139561411520210310>
- Macedo, L. B. (2018).** *Estudos de gênero em contextos africanos: uma análise crítica do discurso das narrativas de gênero de investigadoras cabo-verdianas*. (dissertation).
- Martins, L. M. (2021).** *Performances do Tempo Espiral, poéticas do Corpo-Tela*. Editora de Livros Cobogó.
- Nascimento, M. B. (2022).** *O negro visto por ele mesmo*. Ubu Editora.
- Noguera, R. (2014).** *O ensino de filosofia e a lei 10,639*. PALLAS.
- Noguera, R. (2015).** Sambando pra não sambar: Afroperspectivas filosóficas sobre a musicidade do samba e a origem da filosofia. In Silva, W. L. *Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba* (pp. 31–84). Hexis : Fundação Biblioteca Nacional.
- Ribeiro, S. de S., & Gomes, M. C. A. (2020).** Práticas sociodiscursivas de resistência motivadas pela iterabilidade de violências: análise discursivo-crítica dos relatos de homens trans estudantes. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 59(3), 1784–1808. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8661118>

- Rosa, A. (2013).** *Pedagoginga, autonomia e mocambagem.* Aeroplano.
- Rufino, L. (2019).** *Pedagogia Das encruzilhadas.* Mórula Editorial.
- Santos, G., & Santos, D. S. (2022).** Epistemologias de reexistência: Um Diálogo Teórico-Metodológico entre interseccionalidade e aquilombagem crítica. *Revista Brasileira de Educação*, 27, 555–572. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782022270028>
- Santos, G. (2022).** A reexistência no pós-pandemia: Considerações discursivas críticas sobre cidadania e Tecnologia a partir das Redes Pragmáticas. *Ilha Do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, 75(3). <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2022.e86410>
- Santos, A. B. (2023).** *A terra dá, a Terra Quer.* Ubu.
- Silva, E. C. M. (2023).** *Gorda, Preta e Periférica: uma análise discursivo-crítica do ativismo de Ellen Valias no Instagram.* (thesis).
- Souza, T. P., & Fonseca, D. J. (2022).** Afroperspectiva: uma proposição teórico-metodológica. . In *As mentiras do ocidente* (pp. 97–121). essay, Selo Negro.
- Souza, A. L. L. (2009).** *Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop* (thesis).
- Souza, A. L. S. (2011).** *Letramentos de Reexistência. Poesia, Grafite, Música, Dança: Hip-Hop.* Parábola.
- Souza, A. L. S. (2019).** Linguagem e letramentos de reexistências: exercícios para reeducação das relações raciais na escola. *Revista Linguagem Em Foco*, 8(2), 67–76. Recuperado de <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1908>
- Uessler, L. H. (2021).** *Deus por que eu sou assim? Por que meu cabelo é assim?: uma análise de transitividade das narrativas de mulheres negras brasileiras e afro-americanas em blogs sobre cabelos.* (thesis)

Nota biográfica



Litiane Barbosa Macedo é atualmente professora adjunta no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (DLLE/UFSC). Possui graduação em Letras - Língua Inglesa e Literaturas pela UFSC (2010), graduação em Segunda Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa (2021), mestrado (2014) e doutorado (2018) em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela UFSC. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nas seguintes áreas: Análise Crítica do Discurso; Gramática Sistemática Funcional; Multimodalidade; Estudos da Linguagem e Interseccionalidades; Estudos da Tradução; Estudos decoloniais; Estudos de Gênero em contextos africanos; Educação Antirracista. Suas recentes publicações discutem sobre: discursos e dinâmicas de gênero nos contextos cabo-verdianos; contribuições do Afroperspectivismo para descolonizar os estudos do Discurso Crítico; pedagogia crítica em sala de aula de línguas adicionais. É participante dos seguintes grupos de estudos/ pesquisa: NuGAL/UFSC - Núcleo de Estudos de Gênero Através da Linguagem; AFECTO/UnB- Abordagens Faircloughianas do Corpo/Discurso Textualmente Orientadas; REDIGE/UnB - Rede Discurso e Gênero; LabEC/UnB- Laboratório de Estudos Críticos do Discurso.

E-mail: litiane.macedo@gmail.com